

Natal

Dezembro anoitecia...

De repente, ao longe, plangente
repicar de sinos...

Era a lembrança, o chamado para
os preparativos, reminiscências da
magna data: o nascimento de Jesus!

O santo Natal!

Naquele instante, renasceram e afloraram
no coração, não apenas o simbolismo do
sagrado acontecimento mas também o
verdadeiro espírito do Natal: flama de
anseios, de aspirações, de esperanças e
de fraternidade humana perene...

Graça e essência mística natalina

Estavam prenunciadas naqueles acordes harmo-
niosos. Natal é festa de amor, de fé, de paz!

Natal é Cristo! Um presente divino para os
homens.

Nesta humilde oração, vamos oferecer a Deus
nossa sincera retribuição:

Senhor, dá-me o privilégio de ser o condutor
de Tuas mensagens, o exemplo vivo de Tua
bondade, o sinal visível de Tua presença.

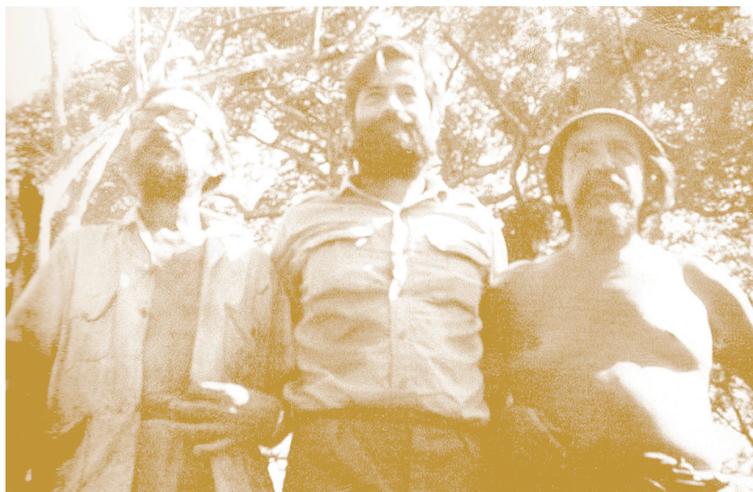
Onde houver sofrimento e dor, permita e conceda
que esta oração de Natal semeie paz de espírito,
alegria, generosidade, mansidão, sabedoria e
justiça para a humanidade. Amém!

Feliz Natal e Ano Novo para todos!

Walter Argento
Poeta

Orlando Villas-Bôas

Murillo de Oliveira Villela



Cláudio, Murillo e Orlando em 1958 — Xingu

Conheci Cláudio e Orlando Villas-Bôas em 1954, por ocasião do IV Centenário da cidade de São Paulo.

Por iniciativa de Afrânio de Oliveira, secretário particular de Jânio Quadros e de Jorge Ferreira, repórter da revista *O Cruzeiro*, anuência e apoio de Jânio Quadros, prefeito da cidade, Cláudio e Orlando foram convidados para trazer alguns índios do Xingu, a fim de abrilhantar os festejos da comemoração do IV Centenário da cidade de São Paulo.

Admirador de Rondon e sua política em prol dos índios, já havia aprendido a respeitar os Villas-Bôas por haverem esposado as idéias de Rondon e a causa indígena, razão pela qual fiquei entusiasmado com o fato de vir a conhecê-los e aos índios que com eles viriam. O encontro ocorreu na casa de meus pais, sogros de Afrânio, local em que foi oferecido aos Villas-Bôas e aos índios um almoço à base de peixe, milho e mandioca.

Logo após a apresentação, houve empatia entre Cláudio, Orlando e eu. Depois de mundo conversar, fui por eles convidado a ir ao Xingu, inteirar-me do seu trabalho, conhecer a realidade indígena e o que eles tentavam fazer para contribuir para a manutenção da civilização e cultura dos povos primitivos do Brasil.

O convite encheu-me de júbilo pelo que ele representava para um médico recém-formado, cheio de entusiasmo e vontade de contribuir de alguma maneira para tão meritória obra. Tal fato gerou sonhos que se transformaram em realidade quando me integrei à comitiva de Jânio que, alguns meses mais tarde, foi ao Xingu.

Cruzar o Brasil em 1954, sobrevoando a floresta amazônica, imensidão verde só interrompida por meneios e circunvoluções de rios, foi algo que me marcou indelevelmente e, até hoje, permanece na minha memória e me fez sofrer quando comparo essas imagens mentais com a atual devastação que bordeia os limites do Parque Indígena do Xingu. Durante a viagem, Orlando — que estava conosco — nos fornecia explicações e informações sobre a região em gostosos comentários; Cláudio nos aguardava no Posto Capitão Vasconcellos, atualmente denominado Leonardo Villas-Bôas.

O desembarque foi igualmente marcante; ver as demonstrações de carinho com que índios e índias adultos, inclusive crianças de ambos os sexos, receberam Orlando e como ele tratava a todos, comoveu-me profundamente. A afetividade, a alegria e a inocência dos índios foi cativante e no meu íntimo surgiu a certeza de que durante toda a

minha vida admiraria o marechal Rondon e os Villas-Bôas por seu trabalho.

Durante os dias em que permanecemos no Xingu, a sensação de amor aos índios e respeito e admiração pelos Villas-Bôas foi crescendo e se arraigando cada vez mais. Assim, tive a oportunidade de conversar muito com ambos os irmãos, bem como de dar atendimento médico a grande número de índios e índias — e também a “curumins” de ambos os sexos. A estadia culminou com o convite formulado para que a eles me juntasse, tornando-me seu colaborador. Infortunadamente, em razão de minha profissão e carreira de cirurgião, já iniciada, não foi possível aceitar o honroso convite para prestar assistência permanente no Xingu, mas assegurei-lhes que em todas as oportunidades que tivesse voltaria ao Xingu para emprestar minha colaboração ao maravilhoso trabalho por eles desenvolvido.

Assim se iniciou uma amizade, a qual se estendeu aos membros de nossas famílias e continua até hoje, somente interrompida pelas perdas de alguns companheiros. Cumpri minha promessa e retornei, por vezes, sem conta, ao Xingu para participar de várias de suas missões, tais como primeiros contatos com algumas tribos, levantamento de coordenadas e abertura de campo de aviação no Centro Geográfico do Brasil e “Kuarup’s”, sendo meu último retorno para o Kuarup de Orlando. Tornei-me médico da família, apresentei Marina a Orlando, o qual foi meu padrinho de casamento; fui padrinho de casamento de Orlando; uma irmã de Cláudio e Orlando e seu esposo são padrinhos de batismo de um dos meus filhos.

Diante das necessidades inerentes à sobrevivência das atividades desses dois grandes homens junto às populações indígenas, fizeram-se necessários contatos com autoridades e estruturas governamentais, como Aeronáutica, Serviço de Proteção aos Índios, Fundação Brasil Central, Universidades e muitos outros órgãos, o que implicava, por vezes, contatos pessoais, fato que fez com que Orlando, por temperamento, mais expansivo que o de Cláudio, se tornasse o “relações-públicas” dos Villas-Bôas e com maior frequência fosse obrigado a “voltar ao convívio dos brancos”, ao passo que Cláudio, verdadeiro filósofo e arredo a muita conversa, permanecesse mais tempo sem sair do Xingu.

Orlando, inteligência fulgurante, de grande agilidade mental, alegre e brincalhão, por sua maneira de ser conquistava os interlocutores, quer autoridades, quer integrantes da im-

prensa escrita, falada ou televisiva, bem como simples cidadãos, e muito contribuiu para disseminar conhecimentos sobre o Xingu, os índios, o Parque e a política, que eles, como continuadores de Rondon, implantaram em prol dos povos primitivos do Brasil.

Os inúmeros anos passados no Xingu sem preocupação com o calendário fizeram com que Orlando se desligasse do tempo físico. Por exemplo, freqüentemente, marcava compromissos para determinados dias e horas e acabava descumprindo alguns, às vezes antecipando-se ou aparecendo em outras datas e horários. Lembro-me de que marcamos um encontro em uma terça-feira em casa de meus pais para irmos comprar um presente para Marina e ele apareceu na quinta-feira seguinte, estranhando o fato de eu não ter comparecido. Muitas vezes, ele ficava em meu consultório, esperando para sairmos para comer pizza ou jantarmos e, repentinamente, enquanto comíamos, recordava que havia marcado um jantar ou uma palestra. Eu tinha que levá-lo, às pressas, para conseguir cumprir o compromisso, embora com grande atraso — e ainda tinha que ajudá-lo a fornecer uma desculpa.

Durante muito tempo, Orlando ficou sem dirigir automóvel; assim, quando vinha a São Paulo eu era um de seus “motoristas” e, muitas vezes, o levei a dois ou três jantares no mesmo dia — ele, tranqüilamente, jantava duas ou três vezes sem maiores problemas. Em matéria de gastronomia, não tinha tabus — cheguei a vê-lo misturar, em um mesmo prato, vatapá, pipoca couve e doce de leite, atribuindo tal ecletismo gastronômico ao fato de, naquela época, no Xingu se comer o que houvesse, independentemente da natureza da comida, incluindo até gafanhotos assados ou tomar “chá de qualquer folha”.

Por mais de uma vez, Orlando, que era como um irmão, chegava a casa de meus pais e uma empregada, que ajudou-os a criar minha irmã e a mim — que gostava muito dele —, era solicitada para preparar alguma comida para ele, mesmo que nenhum de nós estivesse. Por vezes, eu avisei que chegaria tarde para almoçar em razão de alguma cirurgia de urgência; Orlando chegava e perguntava por papai, mamãe ou por mim; Alexandrina, a referida empregada, informava que eles haviam almoçado e saído, que eu chegaria mais tarde e tinha guardado “um prato” para mim; ele dizia que eu o avisara que não iria e comia “o prato que estava na boca da panela”; depois, contava-me tudo e ria muito!

Em uma das vezes em que fui ao Xingu, saindo de São Paulo com Orlando, ficamos dois ou três dias em Goiânia, pois o avião do Correio Aéreo Nacional (CAN) teve que interromper a viagem ao Xingu para atender caso de transporte de doentes na região e transportar pacientes — o que era conhecido na Força Aérea Brasileira (FAB) como missão de misericórdia. Diante disso, nos hospedamos em um hotel em um mesmo quarto, o qual tinha duas camas encostadas em duas paredes, uma de frente para a outra. Após fazermos compras, fomos jantar e retornamos ao hotel para dormir, conversamos um pouco, apagamos a luz e dormimos. Algum tempo depois, acordei com um grande estrépito e acendi a luz, deparando-me com Orlando tentando se levantar do chão no espaço entre as camas; assustado, perguntei-lhe o que tinha acontecido e, rindo, respondeu-me: “sonhei que ia embalar a rede com o pé e empurrei a parede”.

Orlando tinha uma memória excepcional, guardava histórias e “causos” que ouvia dos caboclos que auxiliavam no Posto e nas expedições, bem como as músicas que cantavam ao pé do fogo ou deitados em suas redes. Eu sempre lhe pedia para repetir as histórias ou cantar as “musguinhas” (musiquinhas), passando noites a ouvi-las, pois, além da verve do Orlando, ainda havia a riqueza das diferentes histórias e das quadrinhas e desafios, bem como as “tiradas” que enriquecem o folclore dos sertões.

As histórias sobre Orlando e o Xingu que recordo são inúmeras e poderia falar sobre isso durante muito tempo, mas vou contar apenas mais uma para não ultrapassar muito o espaço que me foi concedido.

Na década de 1950 e início da de 1960, o atendimento aos habitantes das tribos que viviam próximo ao Posto e, depois, dentro do Parque era precário e eu prestava, de acordo com minhas possibilidades, o máximo de assistência médica possível, mas não podia permanecer ininterruptamente no Xingu, razão pela qual julguei conveniente aproveitar os dons de Orlando e transmitir-lhe alguns conhecimentos médicos que poderiam ser úteis em benefício dos índios. Assim, ensinei-o a medir pressão arterial, fazer suturas de ferimentos e uma manobra que nós, cirurgiões, usamos e denominamos “empalmar a tesoura”, que consiste em enfiar o polegar e o anular nas aberturas da tesoura e, desse modo, com ela apoiada ainda pelo indicador, cortar fios de sutura e, após tal procedimento, retirar o polegar, mantendo apenas o anular enfiado na tesoura, fazer um movimento com esta,

jogando-a para a palma da mão, na qual permaneceria sem impedir o uso dos dedos para dar os nós subsequentes. Para cortar novamente, faz-se um movimento impulsionando a tesoura para frente, voltando a enfiar o polegar na outra abertura e, mais uma vez, usando o indicador para apoio. Orlando gostou muito da manobra e passou a tentar usá-la, no início, de modo desajeitado; posteriormente, com sucesso, mas, em uma de suas primeiras tentativas, a tesoura escapou de sua mão e foi arremessada ao chão. Orlando não se perturbou, apenas teve alguma dificuldade para fazer com que os índios, que, deleitados, viam-no suturar a ferida produzida por mordida de piranha na mão de um índio, entendessem que ele havia jogado a tesoura fora porque ela não estava cortando bem e, pegando outra, terminou, com sucesso e orgulhosamente, sua sutura.

Com muita saudade dos tempos que passei no Xingu e da convivência com os índios e os Villas-Bôas, encerro este relato dizendo: esses dois irmãos foram tão fabulosos que a natureza terá que descansar pelos menos duzentos anos até produzir outros como eles!

Murillo de Oliveira Villela
Professor de Medicina

A Suspeita de Raiva Humana — Pistas Investigadas

Arary da Cruz Tiriba
Luciano de Almeida Burdmann
Eleni Aparecida Bedaque

No século XX, a raiva humana era prevalente na Grande São Paulo. Por desconhecimento de suas manifestações clínicas espetaculosas¹, como exaltação da personalidade, por vezes, doentes foram encaminhados diretamente à prisão ou à unidade psiquiátrica².

Em maio de 1999, noticiou jornal da capital: “homem promove desordem de rua por embriaguez; atendido por policiais mulheres, a contenção exigiu reforço e hospitalização, seguindo-se a morte pouco depois”.

Advertido para a alteração do caráter, ocorrente na raiva, um dos autores deste texto (Luciano de Almeida Burdmann) estabeleceu contato com a autoridade policial (delegado do distrito) e obteve permissão para o grupo de médicos proceder investigação mais a fundo. Era providencial, também, o esclarecimento aos policiais militares sobre a contaminação com criaturas incontidas — eventualmente padecendo da hidrofobia — e sobre as medidas profiláticas³.

Vagas as informações: antecedentes criminais não existiam; a criatura apresentava salivação abundante; ignorados o estado anterior de saúde e o comportamento social. Inspeção efetuada na casa onde morara o falecido. Notificado, o único parente — não residente no local —, aguardava à porta. Só então foi estabelecido contato com as policiais femininas que atenderam a ocorrência, obtendo-se certos pormenores. A detenção fora nas imediações da estação de metrô Tucuruvi, em razão de o sujeito se apresentar agitado, agressivo, com sinais de intoxicação alcoólica, gritando impropérios, bem como fazendo gestos obscenos. À pergunta se acusara visões estranhas, resposta negativa⁴. Não ameaçara morder⁵. Sobre a informação de que babava muito, o

detalhe: ao gritar expelia “chuveiro de saliva”⁶. À indagação sobre sinais de angústia respiratória, negativa a resposta⁷. Permanentemente inquieto, dava pontapés na viatura, que sofreu danos. As policiais negaram ferimentos. Pela dificuldade em contê-lo, as militares requisitaram apoio de outros policiais, a fim de removê-lo para o hospital em que morreu e foi autopsiado.

A moradia

Aspecto externo — Térrea (8 km em linha reta do Horto Florestal)⁸, área de 120 m²; dois quartos pequenos, cozinha e sanitário; jardim frontal; quintal ao fundo arborizado com espécies silvestres e frutíferas, à semelhança de floresta — fechada —, em miniatura (para caminhar, necessidade de abrir espaço na galharia). Vasilhames com conteúdo líquido espalhados no terreno⁹; entulhos no solo. Muros adjacentes elevados a mais de metro dos lados dos vizinhos (tijolos vazados sem acabamento pelo lado interno)¹⁰.

Presença de animais domiciliados: duas cadelas idosas, de porte médio, deitadas, tímidas, sem comida, debilitadas, sem esboçar reação¹¹.

Aspecto interno — Ruinoso, infestação de cupim; vasilhames espalhados no piso, constituindo abrigos para animais peçonhentos; garrafas de refrigerantes (não de cachaça); forro da casa com estuque destruído e telhado exposto; quebras e vãos permeáveis à chuva; paredes sujas (sem vestígios de fezes de morcegos)¹²; tocas de ratazanas; baratas sob a pia da cozinha; roupas usadas

¹ Sintomas da raiva convulsiva (a denominação *raiva furiosa*, preferentemente, deve reservar-se ao animal): inquietude, insônia, exaltação do caráter; reproduzem a alienação mental aguda; dois sintomas/sinais cardeais: aerofobia + hidrofobia; inversamente, na *raiva muda* — mais rara —, as manifestações são paráliticas.

² Exemplos: urinar em público (atentado ao pudor); exigir a mulher com a amante para o ato sexual.

³ Conter o adulto de raiva agressivo é difícil, oferece riscos e requer advertência daqueles que prestam assistência. Já o policial florestal entra em contato com animais silvestres; para ele, a vacinação pré-exposição, da raiva, deve ser preconizada, mas não compulsória.

⁴ Alucinações variadas: visuais, auditivas, olfativas, místicas, persecutórias.

⁵ A criança está mais propensa que o adulto a morder ou arranhar, mas a raiva simulada — neurose de conversão —, leva o adulto à ameaça de morder e arranhar, como o fazem cão e gato.

⁶ “Babava muito” e “chuveiro de saliva ao gritar” não caracterizam a sialorréia da raiva humana; se o doente é grosseiro, tenta expeli-la — a cusparada intempestiva é dirigida em qualquer direção a distância para livrá-lo da saliva que não consegue deglutir (equivalente da hidrofobia); risco de contaminação e transmissão inter-humana.

⁷ Pergunta visando identificar a aerofobia.

⁸ Não se descarta que animais, veículos de infecção, com nichos no parque, migrariam até a *minifloresta* domiciliária.

⁹ Criadouros de mosquitos transmissores de infecções endemo-epidêmicas.

¹⁰ Preocupação pelo estado de abandono do imóvel teria levado os vizinhos ao soerguimento.

¹¹ O grupo não contou com veterinário para avaliação da saúde dos cães.

¹² Morcegos transmitem inúmeras doenças (histoplasmose, salmoneloses, raiva...), mas são úteis à natureza; os vampiros devem ser controlados sob orientação do técnico credenciado; *sinantrópicos*, à medida que seu *habitat* é invadido, adaptam-se aos refúgios criados pelo homem (forros, bueiros); fezes dos hematófagos têm cheiro amoniacal.

em desordem. Objetos ornamentais: molduras de fotos antigas de familiares vivos, de outros falecidos e da infância do morto; livros religiosos e de leitura geral.

Informações de vizinhos. Cães e gatos de rua numerosos. Não acusaram mortandade entre os animais. Veículo de apreensão da prefeitura, freqüentemente, percorre a área¹³. Desconhecem a existência de morcegos. O homem era reconduzido para dentro da casa se encontrado embriagado e deitado na rua.

Da criatura extinta? O perfil humano? Os indícios: isolamento familiar e social; solidão; introspectividade; perda de auto-estima; saúde negligenciada; imunidade comprometida (alcooolismo); falta de objetivo; depressão moral; da religiosidade, as *cinzas*; lembranças de parentes queridos ou não; infância sem volta; possivelmente, abarrotaram o viver do adulto!

Inexiste a história da doença, peça fundamental para arrolamento de diagnósticos admissíveis; tampouco existem informantes conviventes. À primeira vista, a alteração do comportamento com desordem pública, atribuída ao etilismo, qualifica a sociopatia. Contudo, embriaguez não inviabiliza por completo a neuroinfecção¹⁴.

Hipóteses levantadas

Coadjuvantes para o estabelecimento de “n” neuroinfecções e/ou encefalopatia derivadas do alcooolismo (eventualmente, tumor cerebral); vulnerabilidade às espécies animais (aves e roedores); exposição aos seus ectoparasitas, por exemplo, pulgas de rato; exposição a mosquitos e baratas.

Doenças passíveis de aquisição desencadeantes de alterações psíquicas, em concordância com os elos assinalados: toxoplasmose (origem parasitária); histoplasmose, criptococose, *candidose* (micoses profundas originárias de antros contaminados por microorganismos de excretos de animais terrestres e voadores); encefalite por arbovírus (transmissão por mosquito e/ou carrapato); listeriose (microorganismo oportunístico elege, também, o alcoólatra).

Proposição da raiva (hidrofobia) examinada, sobretudo, por implicar medidas profiláticas dos *contatantes*, no caso, policiais expostos a ferimentos, mordidas ou arranhaduras.

O humano (ser de sangue quente e mamífero) é espécie suscetível ao vírus da raiva. O caso de morte precedida de alteração de comportamento justificou a investigação médica consecutiva ao ato policial, com objetivo de avaliar se a morte teria sido pela infecção neurotrópica.

Desde que uma *autópsia completa* não é realizada em tais situações, a exumação ao mais curto tempo após o enterramento seria aconselhável, para exame específico da substância encefálica; porém,

¹³ Informação significativa de que, à época, era necessária a retirada de animais errantes das ruas da área como prevenção de agressões e doenças.

¹⁴ Sobre a morte de Edgar Allan Poe, autor do célebre poema, traduzido em numerosos idiomas, “O corvo”; ele teria morrido não de embriaguez, porém, de raiva. A suspeita foi levantada por pesquisador universitário.

exumação requer medidas complexas, apoio em razões e autorização judicial.

No entanto, em última análise, fica descaracterizada a suspeita de raiva, não havendo indicação de exumação nem de tratamento profilático pós-exposicional dos contatantes. Contudo, considerando-se que cadáveres são encontrados sob circunstâncias estranhas — nas estradas, no campo, nas ruas das cidades —, a sugestão ao parlamentar da área de saúde: apresentação de projeto de lei, tornando obrigatório o exame da substância nervosa para o diagnóstico da raiva, sempre que as circunstâncias admitirem-na, a exemplo da ocorrência discutida.

1. *Executar a autópsia e coletar amostra cerebral adequada ao exame para raiva.*
2. *Encaminhamento da matéria à instituição de referência para o diagnóstico de laboratório.*
3. *Tornar possível o procedimento a qualquer tempo, a fim de que o tecido nervoso seja convenientemente preservado.*

Além de evitar a exumação, proporcionaria o cumprimento de medidas profiláticas em tempo hábil; permitiria estimar a projeção da raiva animal e humana, bem como a circulação do vírus selvagem na área geográfica. Outro benefício: seleção acurada de córneas para transplantes, possíveis veículos de inoculação (iatrogênica) da raiva humana¹⁵.

Consideram os autores ter praticado ato, incomum, de exercício profissional e de pesquisa, mas com a convicção de terem assumido iniciativa cidadã. Para tanto, contaram com o apoio da autoridade policial, enquanto, ao mesmo tempo, estabeleceram o confronto entre o ato policial, com vistas à segurança pública, e a pesquisa epidemiológica, voltada à saúde coletiva. No caso investigado, prevaleceram as pistas policiais mais fundamentadas — embriaguez, desordem social — que as médicas sobre a raiva humana.

¹⁵ Oriente e Europa registraram casos de raiva humana pós-transplante de córnea; córnea, tecido no qual o vírus se aninha; portanto, córneas de pessoas mortas por neuropatias obscuras não devem ser transplantadas.

Arary da Cruz Tiriba

*Professor de Medicina e Membro Emérito da
Academia de Medicina de São Paulo*

Luciano de Almeida Burdmann

*Médico e Mestre em Ciências em Doenças
Infecciosas e Parasitárias*

Eleni Aparecida Bedaque

*Médica Infectologista e Mestra pela
Coordenação dos Institutos de Pesquisa
da Secretaria da Saúde de São Paulo*

Não era o seu dia. Ou era...?

Nelson Jacintho

Doutor João Alberto trabalhava no setor de clínica médica. Como diziam os colegas mais chegados, “sabia um pouco de quase tudo”. Era uma pessoa alegre que vivia brincando com os pacientes e, segundo ele, com a vida. Gostava de contar e ouvir piadas. Pela manhã, trabalhava no Posto do SUDS da cidade grande. Atendia mais de trinta pessoas durante a manhã. Costumava dizer que quando saía de sua sala, precisava ficar uns dois minutos na porta, para os neurônios se ordenarem de novo, no intuito de que ele soubesse onde estava a saída para a rua.

Certa manhã, chegou atrasado ao posto, porque passara a madrugada com um paciente no hospital e não pode chegar às sete, como de costume. Chegou às oito e meia.

No saguão, onde dezenas de pacientes esperavam por ele e por outros médicos, ao cumprimentar os presentes, recebeu um suave *ubbb...*

Entrou apressadamente na sua sala, com o espírito de sempre: atender os pacientes com educação, alegre, sem ter pressa e, principalmente, não perder tempo com conversas paralelas à consulta.

A primeira consulta era a de uma senhora que estava deitada em uma maca. Ao tentar passá-la para a mesa de exames, a paciente sentou-se rapidamente e vomitou sobre o seu avental branco, que acabara de vestir. Algumas gotas respingaram o colarinho da camisa branca, que ficou meio cor-de-rosa.

— Tudo bem, disse ele, isto pode acontecer com qualquer pessoa, vou tirar este avental, limpar a camisa e continuaremos o atendimento.

Retirou rapidamente o avental, dobrou-o e correu para o banheiro público que estava há uns dez metros de distância. Temos de lembrar que doutor João Alberto estava em um Posto de Saúde e, evidentemente, não tinha um banheiro anexo à sua sala. Quanto chegou perto do banheiro, percebeu que “havia gente”. Com o avental nas mãos e o cheiro do vomitado no colarinho da camisa, ficou esperando que a porta abrisse. Quando a porta abriu, antes que a pessoa acabasse de sair, uma velhinha enrugada, cêlere como uma gata esfomeada que persegue o rato, entrou no banheiro, trancou a porta e disse:

— Agüenta a mão aí, doutor, eu não consigo controlar essa maldita bexiga.

Doutor João, com o avental dobrado nas mãos e o cheiro do vomitado penetrando-lhe pelas narinas, resolveu manter a calma e ficou esperando pela saída da velhinha. A velha demorava. Alguns pacientes, que também queriam usar o

banheiro, começaram a ficar impacientes, e o doutor, que ainda não havia atendido nenhum paciente, estava mais impaciente ainda. Retirou a chave do carro, do bolso, aproximou-se da porta do banheiro e, com muita delicadeza, bateu três vezes na porta:

— Dona Maria, a senhora vai demorar? Ainda não conseguiu?

— Urinar, já, doutor, mas agora é este intestino que me mata. Outra coisa, doutor, o meu nome não é Maria, é Sebastiana, aquela das hemorróidas que sangravam, que o senhor viu no mês passado. Lembra-se?

— Desculpe-me pela troca do nome, dona Maria, isto é, dona Sebastiana.

— Não tem importância, doutor, o pessoal me conhece por Maria mesmo.

Doutor João Alberto viu que o caso era demorado. Enrolou bem o avental, passou o lenço no colarinho, colocou o avental em um saco de plástico que uma paciente lhe emprestou e voltou para a sala, onde a paciente que vomitara o esperava.

A paciente havia vomitado mais duas vezes. O consultório parecia mais um estábulo do que uma sala de consultas. O cheiro era intolerável. Uma atendente veio com dois baldes de água, um rodo e um pano de chão — em pouco tempo deixou a sala em condições de uso.

— A senhora tem noção da causa dos seus vômitos, dona Tereza?

— Tenho, doutor, a causa foi a comida de ontem à noite.

— A senhora foi a uma festa?

— Não, senhor, a festa foi na minha casa. Comi lingüiça, salsicha, torresmo, bebi cerveja, batida de limão, doce de abóbora com acerola...

— O que a senhora estava comemorando?

— Meus cinquenta anos de casamento, doutor.

— A senhora é casada há cinquenta anos?

— Fui...

— Foi...?

— O meu marido morreu há vinte anos...

— Não estou entendendo!

— Doutor, eu me casei com o José, no ano de 1958. Ele morreu em 1988.

— E então? Como a senhora estava festejando os cinquenta anos de casamento? A senhora se casou de novo?

— Casei nada, doutor, eu estava festejando o aniversário de cinquenta anos do casamento, doutor.

— Bem... Se a senhora não se casou de novo, pelo menos tem um namorado!

— Tenho não, doutor, eu vivo no vai da valsa...

— Vai da valsa?

— Bem, doutor, acho que não preciso explicar.

— Não, não precisa... Como está se sentindo?

— Agora estou bem.

Doutor João, ainda encabulado, fez rapidamente uma receita e a entregou para dona Tereza.

Ela saiu do consultório e o doutor chamou a próxima paciente. Olhou para o relógio. Os ponteiros marcavam nove horas e trinta minutos e o doutor acabara de atender a primeira consulta. Deu sorte, a paciente chamada viera apenas pegar pedidos de exames para o controle do diabetes e do colesterol. Doutor João fez o pedido dos exames e pegou a terceira pasta. Ao pegar a pasta, lembrou-se de que havia cometido um erro terrível na receita da primeira paciente. Havia receitado um forte psicotrópico. Se ela o tomasse, desidratada, desnutrida e intoxicada, como estava, correria risco de morte. Deixou a pasta sobre a mesa e saiu corren-

do na direção da saída do posto, à procura de dona Tereza. Ela estava parada na rua, conversando com uma amiga.

— Por favor, dona Tereza, queira me devolver a receita que eu lhe entreguei na minha sala. A senhora está com ela?

— Não senhor, eu acabei de pitá-la. Eu não disse para o senhor, mas eu gosto de pitar aquele fuminho de cachimbo que vem picado naquele pacotinho. Quando vi aquele papel tão macio da receita... Eu não resisti...

— A senhora pitou a minha receita!?

— Não fique bravo comigo, doutor...

— Não tem importância, dona Teresa, acho que hoje não é o meu dia...

Nelson Jacintho

*Médico Escritor, Presidente da
Academia Ribeirãopretana de Letras*

2 corcunda
ao relento
mau presságio sonha
só sob cortinas
puído veludo
ardente odor
espalha mofo
na noite repousada
sob névoa de sexos
pernas recurvas
em arremesso esvoaçantes
feto sudoroso
líquen uterino
reflete ridículo
e rastejante
ser

10 amor lhe dedicaram
noites insones
em assobios
nuvem
se desfaz

No Es Por Ti

meu amor
sempre duplo em disfarce
conversa

¿será por ti?

cigana joga ases
deus negro canta

¿para ela
soprarás conchas?

Poemas retirados do livro *Ópera bufa*

Caetano Lagrasta

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)]

Cinamateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.